

O único Grão Mestre da Ordem Templária

No processo movido contra a Ordem do Templo, foi muito comentada a existência de um certo ídolo ao qual eram atribuídos poderes sobre-humanos. Esse ídolo, com o qual os gnósticos representavam o Deus eterno ou o Grande todo, tinha uma cabeça barbuda.

Foi por isso que os leigos e inimigos de má-fé da Ordem acusaram os Templários de adorarem a cabeça de um bode. É claro que eles ignoravam que, desde os princípios mais remotos, a barba era considerada um símbolo de majestade, de paternidade e de força geratriz. Chamavam a este símbolo de “Bafometh”, palavra que em ocultismo significa “Batismo de Sabedoria”. Este símbolo, juntamente com o Galo, eram apresentados ao candidato durante a cerimônia de iniciação. **Baphomet**, para mostrar-lhe o novo Batismo como princípio de uma vida nova; e o Galo, ave que anuncia cantando o romper da aurora, para anunciar-lhe uma nova luz.

Em vários Templos pertencentes à Ordem, foram encontrados outros signos e emblemas inseridos em baixo-relevo, em figuras esculpidas e em desenhos geométricos. Os Templos mais famosos da Ordem tinham as paredes e as colunas decoradas com vários símbolos gnósticos: o esquadro, o compasso, a régua, a esfera celeste, o pentagrama, o candelabro e muitos outros. Num monumento Templário da Alemanha foi encontrado um tabernáculo que é uma rara obra de arte. Na tampa vê-se esculpida uma imagem da Natureza representada pela deusa Isis, completamente desnuda. Numa das mãos sustenta o disco solar e na outra, o crescente da Lua; a seus pés uma caveira entre um pentagrama e uma estrela de seis pontas, representando o sistema planetário, e as sucessivas purificações da alma através das sete esferas celestes. Nas outras faces vêem-se várias alegorias referentes às cerimônias da iniciação que representam as provas da terra, do ar, da água, do fogo. O pórtico do Templo contém um baixo-relevo do túmulo de Cristo, igual ao que existe na famosa catedral de Notre-Dame de Paris. Nas colunas vemos outras representações das provas de iniciação, o Falo e os Ktés cabalísticos e a cruz dos mistérios egípcios.

A VERDADE SOBRE O BAPHOMET DOS TEMPLÁRIOS

Quando Clemente V tomou conhecimento das declarações contidas nas inquirições aos prisioneiros Templários, sua atitude mudou drasticamente: de defensor, tornou-se um dos acusadores; e até hoje não se sabe bem a razão de tal atitude. Buscaremos esclarecer parte de suas razões:

A Santa Sé encontrava-se, por acordo entre Clemente V e Felipe IV, encravada em território francês, mais precisamente em Avignon e, por esta razão, encontrava-se na realidade prisioneira de Felipe IV que disso se aproveitou para intimidar o Papa, inclusive ameaçando-o de morte com o uso da força física. Nada podendo fazer uma vez que se encontrava sob o jugo de Felipe, temendo pela própria vida, Clemente buscou ceder a seus caprichos. Porém esta não foi a única razão; a Santa Sé, mesmo prisioneira dentro do território francês (período este que mais tarde seria conhecido como o “Segundo Cativo da Babilônia”), ainda buscava protelar ou desconversar o Rei pois sabia que os intuitos reais eram vergonhosos e que iriam manchar não só a história da França, como também a de Roma, deixando uma nódoa vergonhosa na história do catolicismo; e o Papa, após ler os interrogatórios, muda drasticamente de atitude.

O que teria feito o Papa mudar tão de repente de atitude? Segundo consta, Clemente ficou sabendo a verdadeira história de Bafometh que realmente o tinha assustado a ponto de fazê-lo condenar os Templários. Mas qual era essa verdadeira história nunca comentada pela Igreja Católica e que até hoje permanece em segredo? Buscaremos erguer mais uma ponta do véu de Isis e contá-la.

A perseguição, a proscricção e o preconceito são sinas que acompanham os buscadores da verdade desde o limiar dos tempos. Jesus, Apolônio de Tiana, Jacques de Molay, Paracelso, Agripa e Cagliostro foram mártires que desafiaram a ignorância, a superstição e a cobiça dos profanos em nome da verdade maior, enfrentando a dor e o descaso para que às gerações futuras pudessem compreender a obra do GRANDE ARQUITETO DO UNIVERSO e, através da busca do DEUS INTERIOR, evoluir.

A IGREJA CATÓLICA utilizou-se dos mais absurdos argumentos para perseguir, torturar, executar e espoliar as riquezas de milhares de inocentes e ao mesmo tempo tentava desesperadamente calar aqueles que realmente haviam encontrado a chave dos grandes mistérios, proscrivendo os DRUIDAS, CÁTAROS, MAÇONS e os TEMPLÁRIOS, sob o pretexto de serem adoradores do diabo.

Enquanto os CÁTAROS viram o fim de seu império em 1224, com a tomada da fortaleza de Montségur, nos Pireneus, os CAVALEIROS TEMPLÁRIOS conseguiram, salvar os ensinamentos da Ordem pelos esforços de Jacques de Molay que mesmo capturado do fundo de sua prisão, criou quatro lojas: em Nápoles, para o Oriente; em Edimburgo, para o Ocidente, a qual mais tarde foi transferida para Tomar, em Portugal; em Estocolmo, para o Norte e em Paris, para o Sul, sob a denominação de MAÇONARIA OCULTA.

Os pretextos utilizados pelo alto clero sob a influência de FELIPE IV (também intitulado “Felipe, o BELO”) eram que os CAVALEIROS DO TEMPLO praticavam a sodomia, escarravam sobre o Cristo, renegavam a Deus, conversavam com um grande gato negro, copulavam com diabos e, acima de tudo, reconheciam o símbolo panteístico dos grandes Mestres em Magia negra, prestando honras divinas ao Ídolo monstruoso de Bafometh que, para a Igreja Católica, também representava Maomé, a quem os Templários foram acusados de venerar.

Significado

Os Cavaleiros da Ordem do Tempo realmente saudavam uma figura híbrida composta da união de diversos pentáculos, cujo nome popular de **Baphomet** ainda é capaz de levar ao desespero a grande maioria dos profanos por ignorarem seu sentido cabalístico.

O nome **Baphomet** escrito na sua forma original, BAPHOMET, deve ser lido em sentido inverso, como todo cabalista o faria na língua do fogo.

Obteremos, dessa forma:

TEMOHPAB – que oculta;

TEMOHP-AB – três abreviações chaves para a expressão:

Templi Omnium, Hominium Pacis Abbas, que significa:

O Pai do Templo, Paz Universal dos Homens, ou seja, O CRISTO CÓSMICO.

Simbolismo

A figura do andrógino mágico servia a três propósitos:

1. Amedrontar e afastar os profanos do reduto sagrado do Templo;
2. Testar a coragem e o conhecimento de novos cavaleiros, evitando que os covardes supersticiosos se infiltrassem na Ordem;
3. Velar o simbolismo sagrado aos olhos do leigo.

A figura do Bafomé, ou melhor, BAPHOMET, nada mais é que uma esfinge, ou seja, uma combinação de animais com a figura humana, diferindo do Bode de Mendes por apresentar um facho luminoso entre seus chifres – formando a letra hebraica *SHIN*, símbolo do equilíbrio divino entre as forças *OD* (força ativa) e *OB* (força passiva), por *AUR* (força equilibrante).

Outra diferença entre o Baphomet dos Templários e o Bode de Sabath negro é o pentagrama ou a estrela flamejante dos maçons (e não o pentagrama invertido) entre seus olhos o que é, por si só, um símbolo de magia branca. A cabeça reúne caracteres de cão, burro e touro, e assemelha-se a um bode. Representa a mente do homem materialista e embrutecida (hoje a ciência se diz descobridora da mente triádica); geradora de todos os egos que devemos dissolver a fim de conhecermos nosso Eu Divino.

A parte inferior está coberta, representando os mistérios da oração universal, indicada somente pelo caduceu que está no lugar do órgão gerador, simbolizando a vida eterna.

O ventre coberto de escamas representa a água; as penas que sobem até o peito, representam o volátil; o círculo em que está sentado, representa a atmosfera; os seios são de mulher trazendo assim, da humanidade, os sinais de redentores da maternidade e do trabalho. Ele se senta num cubo, símbolo da pedra filosofal e da cruz de Hermes; suas

pernas são as de um bode cujos fortes cascos podem levá-lo a pontos de difícil acesso e a alturas descomunais. Suas asas angelicais expressam a capacidade de elevação espiritual (Asiah, Yetsirah, Briah, Aziluth). Seus chifres são um antigo símbolo de sabedoria e divindade, análogos aos de Moisés e o facho luminoso traz a luz do Salvador, Jesus Cristo.

Cabe lembrar que, na Judéia, dois bodes eram consagrados: um puro, outro impuro, sendo o puro sacrificado enquanto o outro era mandado para o deserto inóspito, para a expiação de seus pecados, a fim de reconquistar a liberdade. Esta alegoria é análoga à do exílio da Capela, à expulsão de Adão do Paraíso e à promessa de redenção feita com a vinda do Cristo, razão pela qual os gnósticos também devam ao Cristo libertador a figura do bode.

Conclusão

Esta figura tão “monstruosa e temida” até nossos dias, não passa de um hieróglifo que não difere muito das esfinges do Egito e da Pérsia, sendo também análoga à visão de Ezequiel. É, pois a representação do Grande Arcano Mágico, um enigma decifrado para o iniciado, cuja compreensão da Grande Obra de Deus é, sempre foi e sempre será motivo de pânico e desconfiança aos olhos do mundo profano.

Esta é a verdadeira simbologia a respeito da figura venerada pelos Templários que tanto fez Clemente V tremer, e que ao saber dela, da veneração Templária e de como os Templários a decifram, viu a necessidade de condená-los e de extingui-los para que essa verdade não saísse da Santa Sé.

No entanto, existem outras lendas que carregam alguma verdade e que também fazem o Papa tremer; uma delas fala da própria origem de Bafometh e uma outra explica as verdadeiras origens de Cristo, segunda a versão Templária.

A primeira conta que um certo jovem, filho de uma nobre família da cidade de Cidon, na Fenícia, amava apaixonadamente uma jovem que veio a falecer antes mesmo que o jovem a conquistasse. Louco de amor e cheio de desejos, certa noite o jovem apaixonado invadiu o túmulo de sua amada e, com a mente transtornada, abriu o túmulo e saciou sua paixão sobre o cadáver da infeliz. Neste instante o jovem fidalgo ouviu uma voz misteriosa que lhe dizia: “Volte aqui decorridos nove meses e encontrarás o fruto do crime hediondo que acabas de praticar.” Na data fixada o jovem voltou ao túmulo e levantou a tampa. Com surpresa viu uma “cabeça barbada” que recolheu e levou consigo. Esta cabeça era dotada de poderes estranhos, entre os quais o de proferir oráculos sobre o passado, o presente e o futuro.

Para o mundo profano, a lenda contada pelos Templários nada mais é do que o relato repugnante de um necrófago, mas para os iniciados familiarizados com interpretações simbólicas e esotéricas dos mistérios iniciáticos, a lenda da “Cabeça Misteriosa” encerra um tema muito profundo. Os iniciados sabem, por exemplo, que a virgem violentada representa a deusa Isis, e reconhecem na lenda a eterna alegoria dos “amantes de Isis”

Aquele que ousa erguer o véu de Isis e interpretar com sabedoria e inteligência seus segredos e mistérios, obterá o batismo da Sabedoria e será superior em Glória, Poder e Força.

Esta alegoria é velha como o tempo e é a mãe de todas as alegorias esotéricas, entre as quais figura a alegoria da Arvore do conhecimento cujos frutos, uma vez colhidos, farão do iniciado que os comer, um deus. Finalmente, os iniciados nos mistérios de Isis reconhecem na lenda a fórmula esotérica muito usada pelos alquimistas: “A primeira matéria recolhe-se no sexo de Isis”.

O castelo medieval de Gisors, última sede-fortaleza da Ordem do Templo, é um livro simbólico cheio de sabedoria para aqueles que souberem ler e interpretar. A respeito desse castelo, eminentes historiadores já escreveram inúmeras obras e muitas outras poderiam ainda ser escritas sem que o assunto se esgote.

Entre as inscrições misteriosas que se encontram no interior do castelo e da igreja de Gisors, vêem-se estas:

— *Ísis Iaces in Vu/cain Sinu Fe/ice Emissa Es Ei/lis, ou seja:*

“Ísis: estás oculta no VEXIM, enviada, felizmente, por teus filhos”.

– *Quo Sidere Temp/um Ortum Esse Euam Rosa Spirare. Qua Docte Procedis in Corpore Isidis*, ou seja:

“Que a Constelação foi Engendrada pelo Templo e que A Rosa é Preciso Aspirar. Se Fores Cauteloso Caminharás Sabiamente Sobre o Corpo de Ísis.”

Estas informações e conhecimentos, para um profano, são por demais espantosas, causando quase temor, mas interpretadas por iniciados, causam verdadeiras felicidades e trazem conhecimentos que o Papa não admitia serem propagados.